

Futebol, violência e arbitragem: algumas leituras figuracionistas.

Bruno Boschilia.

Cita:

Bruno Boschilia (2007). *Futebol, violência e arbitragem: algumas leituras figuracionistas*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-066/1933>

GT Sociología del Deporte y Esparcimiento

FUTEBOL, VIOLÊNCIA E ARBITRAGEM:
ALGUMAS LEITURAS FIGURACIONISTAS

BRUNO BOSCHILIA, Mestrando em Educação Física, CEPELS/UFPR
JULIANA VLASTUIN, Mestranda em Educação Física, CEPELS/UFPR
WANDERLEY MARCHI JR., Doutor em Educação Física, CEPELS/UFPR

Nas sociedades altamente complexas e industrializadas do mundo contemporâneo, com elevado grau de rotinização das atividades cotidianas, o esporte passa a existir como oportunidade de *descontrole controlado dos controles emocionais* presentes na atual civilização. Na tentativa de manutenção dos níveis de controle estão as regras, as normas e condutas, as ações punitivas e, principalmente, os árbitros. Baseando-se na sociologia figuracional de Norbert Elias, buscamos discutir a presença do árbitro dentro do futebol, o desenvolvimento e a aplicação das regras no controle da violência dentro deste esporte.

INTRODUÇÃO

Apesar do tardio reconhecimento, o modelo de análise sociológica fundado pelo sociólogo alemão Norbert Elias, conhecido como *sociologia figuracional* e dos *processos civilizadores*, nos trouxe grandes contribuições para as análises dos processos histórico-sociais.

Às suas análises de conteúdo sociológico, Elias considerou as pesquisas e levantamentos históricos como fundamento essencial para a constituição de um suporte consistente e elaborado. Partindo do princípio de que as ações de ordem humana não são regidas à partir de atos individuais, mas fruto das diversas interdependências realizadas pelos indivíduos, fato este muitas vezes desconsiderado pelos historiadores, nas quais os resultados das ações individuais devem ser lidos como o somatório de inúmeras intencionalidades singulares.

Pelo fato de os historiadores muitas vezes partirem da idéia de que as cadeias de acontecimentos que procuram revelar não passam de uma acumulação das ações de homens singulares, as quais no fundo não têm nexos algum, os eventos relevantes do ponto de vista sociológico costumam apresentar-se, aos olhos do

historiador, como fenômenos desestruturados, que ficam em segundo plano (ELIAS, 2001, p. 57).

Desse modo, em seus trabalhos Norbert Elias buscou considerar as cadeias de interdependências das diversas configurações às quais os seres humanos se agrupam nas mais variadas intencionalidades.

O esporte, apesar de não ter sido o foco principal de seus estudos deste sociólogo alemão, foi considerado com um objeto válido de investigações, buscando romper com certas barreiras presentes nas ciências humanas e sociais. Em conjunto com o inglês Eric Dunning, estudaram o desenvolvimento do esporte moderno e a violência presente no desporto, com destaque para o futebol, o fenômeno do hooliganismo na Inglaterra, a masculinidade presente no esporte, entre outros.

Com este trabalho buscamos analisar a passagem do futebol de um jogo popular considerado violento, tendo como central a presença de instituições fiscalizantes e punitivas externas, sendo o maior exemplo delas o árbitro de futebol.

ESPORTIVIZAÇÃO E PARLAMENTARIZAÇÃO: O PROCESSO CIVILIZADOR EM CAMPO

Do mesmo modo em que é caracterizada pela riqueza em fatos, a história do futebol também é controversa. Alguns autores defendem que o futebol surgiu através dos povos primitivos asiáticos que praticavam atividades de chute a objetos esféricos como crânios, pedras ou mesmo bexigas de animais. Também são considerados jogos de povos indígenas por todas as Américas.

Todavia, para Norbert Elias, não há razões para supor que o surgimento do futebol moderno estaria nesses jogos anteriormente citados. Para ele a origem do esporte moderno encontra-se nos jogos populares praticados na Inglaterra desde o século XIV.

A afirmação de que o futebol moderno teria surgido na Inglaterra baseia-se na constatação de aproximações entre transformações na estrutura regime político inglês e o processo de modificação das condutas, incluindo os passatempos e jogos populares.

Ao procurar descobrir por que motivos a moderação da violência nos passatempos, que é uma das características do desporto, apareceu em primeiro lugar, no século XVIII, entre os ingleses das classes mais altas, não se pode evitar uma consideração mais atenta sobre o desenvolvimento, na sociedade global, das tensões e da violência que envolvia estas classes (ELIAS, 1992, p. 50).

Dessa maneira, o sociólogo alemão atenta para a necessidade de se compreender outros fatores que permeavam a sociedade inglesa de maneira geral, não entendendo o surgimento dos esportes como um fenômeno ímpar e isolado dos demais acontecimentos. Este encadeamento de correlações constitui um dos princípios ao se utilizar o modelo de análise eliasiano.

O fato de se utilizar um objeto esférico para realizar chutes não deve ser caracterizado, como a raiz do futebol moderno. Esses jogos seriam práticas sem claras ligações e similaridades com o processo de esportivização ocorrido na Inglaterra. Não são observadas continuidades, transformações ou alternâncias, podendo ser caracterizados como fenômenos isolados.

O surgimento do esporte moderno especificamente na Inglaterra, e não em outra nação, consiste em acontecimentos que vão muito além daqueles que se referem às campo das prática esportivas. Em sua aproximação com o regime parlamentar que se constitui na Inglaterra, Elias afirma que,

Entre as principais necessidades do regime parlamentar, tal como este emergiu mo decurso do século XVIII, encontra-se a capacidade de uma facção ou partido no governo dominar seus adversários através de um cargo público sem usar a violência, desde que as regras do jogo parlamentar assim o exigissem, como sucede no caso de uma importante votação no Parlamento ou uma eleição na sociedade serem contra isso (ELIAS, 1992, p. 51).

A alternância pacífica que começa ocorrer pelo domínio do poder político inglês pressupunha o controle das pulsões internas. Os atos violentos contra inimigos nesse período, seja em disputas políticas ou por domínios territoriais, estavam sensivelmente diminuindo à medida que o monopólio da violência física recaia sobre o Estado.

Assim, para compreendermos o processo de esportivização dos jogos populares e dos passatempos é preciso enfocá-los em uma instância não-isolada de todo o contexto por qual

passava a Inglaterra neste período. A passagem do século XVIII para o XIX, período apontando por diversos autores como o das transformações no sentido da esportivização, assinala importantes alterações na sociedade inglesa como, por exemplo, o processo de parlamentarização que ocorre na política.

A disputa pelo poder política na Inglaterra, afastando-se de práticas violentas e passando para uma disputa em um nível da negociação pacífica e regulamentada, constitui um importante exemplo de avanço de civilização.

Neste sentido, foi possível perceber que as modificações nas condutas foram estendidas a outros espaços da vida social desses políticos e aristocratas, como por exemplos as atividades praticadas em seus passatempos no tempo livre. Dessa maneira abre-se a possibilidade de haver um paralelo entre regulamentação dos esportes e as transformações políticas, não em um sentido de causa e efeito, mas sim, como parte de um processo que atua em uma determinada direção suprimindo e abarcando condutas.

Elias aponta para um mimetismo entre as atividades esportivas e os embates políticos, nos quais a supressão das violências físicas com inserção de novas regras somente seria possível a partir de um auto-controle individual possibilitando o estabelecimento de novas configurações:

É difícil considerar como um mero acidente o facto de os passatempos relativamente mais violentos e menos regulamentados das classes proprietárias de terras se terem transformados em passatempos relativamente menos violentos e mais minuciosamente regulamentados, que deram à expressão 'desporto' o seu sentido moderno, no mesmo período em que estas classes sociais renunciaram à violência e aprenderam a forma de autodomínio mais elevada exigida pela via de controle parlamentar e, em especial, pela mudança de governos. De facto, os próprios confrontos parlamentares não eram desprovidos das características de um desporto; nem estas disputas parlamentares, em grande medida verbais e não violentas, eram desprovidas de oportunidades para tensão-excitação agradável. Por outras palavras, existiam afinidades óbvias entre o desenvolvimento do regime político de Inglaterra no século XVIII e a desportivização no mesmo período dos passatempos das classes inglesas elevadas. (ELIAS, 1992, p. 254).

As disputas políticas, deste modo, vão assumindo novos meios de disputa. Mas para onde foram as pulsões e os instintos? Segundo o próprio Norbert Elias (1993), as oscilações

comportamentais presentes nas sociedades anteriores não desapareceram, mas foram abrandadas.

O aumento do nível de complexidade das cadeias de interdependências gerou a necessidade do indivíduo adotar novos comportamentos, assumindo um autocontrole interno de suas ações que fosse estável. A constituição dessa ‘segunda natureza’, ou *habitus*, só foi possível no decorrer de algumas gerações, transformações que ocorrem com a conseqüente necessidade de aumento das interdependências sociais em um processo em que as crianças são submetidas desde pequenas a administrar suas vontades e desejos. Estas transformações constituem um dos principais elementos que constituem o processo civilizador, que como assinala o próprio autor ainda “está em andamento” (ELIAS, 1993, p. 274).

DOS JOGOS POPULARES AS *PUBLIC SCHOOLS*

Do mesmo modo que os conflitos políticos no período medieval eram solucionados, em sua maioria das vezes, de forma violenta, algumas disputas populares eram, resolvidas em jogos com elevado nível de agressões e ferimentos. Em certas ocasiões os jogadores chegavam a levar consigo facas, punhais ou qualquer outro objeto que pudesse ferir o seu adversário.

Desde a primeira proibição que se tem notícia, do Rei Eduardo II em 1314, diversos jogos foram praticados na Inglaterra até o século XVIII. Dunning e Curry (2006) citam alguns jogos como o *hurling*, *knappan*, *bottle-kicking camp-ball* e *fight-ball*, que seriam as formas primitivas do futebol contemporâneo, nem todos utilizando bola. Geralmente esses jogos eram associados a festivais populares, datas religiosas, e outros eventos.

De maneira geral, esses jogos eram vagamente ou não regrados, continham um elevado nível de violência, não havia restrições em relação ao número de participantes, muito menos um elemento mediador externo, como um árbitro. Esses antecedentes populares do futebol baseavam-se, principalmente, em costumes e tradições locais.

Em conseqüência, o padrão básico do jogo – o caráter dos jogos populares como “lutas” entre grupos, a apreciação aberta do arrebatamento comparável àquele da batalha, o tumulto e o nível relativamente elevado de violência física social tolerada – esteve sempre e em toda parte presente. Em resumo, estes jogos foram moldados em uma forma comum que transcendeu diferenças de nomes e tradições locais específicas (DUNNING & CURRY, 2006, p. 53).

Cada diferente região dispunha de uma forma não semelhante de disputa. Entretanto, era um fenômeno que aparecia em diferentes localidades com uma estrutura de disputa até certo ponto idêntica.

Após um longo período de inúmeras tentativas de proibições, os jogos de origem popular adentraram às *public schools* inglesas. Como destaca o sociólogo Pierre Bourdieu, foi no interior destas instituições que o processo de esportivização sofreu um grande avanço, com a implementação de mudanças estruturais a partir da aplicação de um sentido educacional aos jogos:

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às “elites” da sociedade burguesa, nas *public schools* inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns *jogos populares*, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função [...] (BOURDIEU, 1983, p. 139, grifos no original).

As *public schools*, que inicialmente eram destinadas os carentes e necessitados, durante os séculos XVIII e XIX foram gradualmente recebendo os filhos da aristocracia inglesa, transformando-se em internatos pagos. Isto gerou uma certa tensão neste ambiente seja nas relações entre os alunos ou desses com seus professores, o que acabou levando, conseqüentemente, a rebeliões e ataques por parte dos alunos (DUNNING s/d; DUNNING & CURRY, 2006).

Ao adentrar nas escolas inglesas, estas atividades sofrem uma profunda transformação seja em aspectos técnicos, seja nos objetivos de sua utilização. Se observarmos as formas como eram praticadas nesta nova estrutura em comparação com o esporte contemporâneo, poderemos observar que os níveis de violência ainda eram elevados, entretanto na medida em que era praticado em eventos populares alguns séculos antes, podemos ver algumas mudanças em um determinado sentido.

Assim, os jogos violentos vão aos poucos assumindo regulamentações e convenções, transformando-se lentamente em uma prática com aspectos esportivos. Desta maneira, utilizado como ferramenta educacional em escolas destinadas às camadas mais abastadas, o futebol conferia uma determinada distinção àqueles que o praticavam. Como o acesso a estas

instituições de ensino tornou-se opção para poucos privilegiados, estes, de certa forma, utilizavam a prática desportiva como uma maneira, entre outras, de distinção social das demais camadas, pois dispunham de tempo livre, e neste poderiam desenvolver estes jogos que aos poucos iam se regulamentando e restringindo o grau de violência entre os praticantes.

No período inicial dentre destes internatos, o futebol ainda não era praticado através de regras altamente difundidas, ainda predominavam as decisões orais baseadas em costumes locais:

Assim como nos jogos populares que o antecederam, o *football* nas escolas públicas, neste estágio, foi governado por regras orais. Isto significa que o caráter do jogo variou de escola a escola, as diferenças sendo determinadas por decisões relacionadas às peculiaridades geográficas de cada área onde o esporte era praticado – o jogo ainda não era jogado em campos construídos e marcados especificamente para o *football* – e pelo acréscimo de tradições locais específicas (DUNNING & CURRY, 2006, p. 60).

Essas características impediam uma maior integração entre as escolas, pois, as indefinições quanto a forma como o jogo seria praticado impediam uma disputa. Apesar disso, já eram sinalizadas as primeiras tentativas de integração e unificação das regras, mas isso só viria a acontecer algum tempo depois.

Os novos esportes, e em nosso objeto de estudo o futebol, em consequência desse processo, se espalhariam por clubes seletos como uma atividade de lazer praticada no tempo disponível por seus freqüentadores. Dentro de escolas e, principalmente, clubes e associações, o comportamento rude e grosseiro foi aos poucos sendo substituído por atitudes cavalheiras e de respeito ao adversário. O objetivo não era ferir ou machucar o oponente, mas sim fruir e desfrutar uma de prática reservada as elites, que tinham acesso à educação e aos bons modos. Assim, nesse ambiente o futebol assumiria um novo sentido na busca da vitória: o respeito às regras. Eram essas as atitudes esperadas dos cidadãos ingleses.

As práticas de lazer e as atividades no interior das *public schools*, assim como as relações estabelecidas socialmente, são permeadas por regras, comportamentos sociais, condutas previamente estabelecidas, socialmente aceitas e conhecidas para que seja possível uma convivência pacífica. Dessa maneira, o auto-controle e o respeito à essas normas são imprescindíveis.

Se alguém investigar sobre os processos de desenvolvimento das normas e regras, a interdependência factual de ‘ordem’ e ‘desordem’, de ‘função’ e ‘disfunção’, torna-se nítida, de forma notável. Porque, no decurso de tal processo, pode ver-se muitas vezes como regras e normas específicas são estabelecidas pelos seres humanos de modo a resolver formas específicas de mau funcionamento e como este, por seu lado, conduz a outras alterações nas normas, nos códigos de regras que governam a conduta das pessoas em grupos (ELIAS, 1992, p. 228-229).

As regras que regem as condutas humanas, incluindo neste caso as práticas esportivas, são elaboradas a partir de diagnósticos de acontecimentos da realidade e buscam transformá-los em uma determinada direção. Dentro do ambiente educacional, pode-se afirmar que o futebol tomou novos rumos e gradualmente e pode-se consolidar como um dos maiores fenômenos sociais do século XX. Isso foi possível, principalmente, em razão da codificação das regras que viria a ocorrer por ex-alunos no ano de 1863.

AS REGRAS, AS INSTITUIÇÕES E OS ÁRBITROS

Da mesma forma que os jogos populares, o futebol praticado nos internatos ingleses variada de escola para escola. Cada instituição possuía uma regra, admitindo ou não o uso de das mãos para tocar a bola, o número de atletas, o tamanho do campo, o nível de violência permitido aos participantes, e outras modificações.

Haviam tentativas de padronização, mas esbarravam nas especificidades das regras de cada instituição.

Em 1863, alunos e ex-alunos universitários de Cambridge, sob a liderança do jornalista John Cartwright, iniciam uma campanha para a padronização das regras. Depois de muita discussão, finalmente representantes de várias escolas reúnem-se na Freemason’s Tavern, em Londres, em 26 de outubro, para criar a The Football Association (FA), que até hoje é a entidade responsável pelo futebol inglês. Na mesma reunião formou-se um comitê incumbido de redigir as novas regras. Em 24 de novembro, uma assembléia aprovou o texto e no dia 8 de dezembro a FA publicou-o na grande imprensa. Composto de 14 regras, o texto foi baseado nas Regras de Thring, código publicado em 1862, em Cambridge, que também era conhecido como The Simplest Play, ou seja, “o jogo mais simples”. Naquele momento nascia o futebol moderno (COELHO, 2002, p. 137).

A FA foi a responsável por divulgar na imprensa o código elaborado em suas reuniões em Londres. Como se observa às modificações que foram realizadas após esta data, a elaboração deste primeiro código suscitou um maior interesse à padronização além de inúmeras modificações no sentido de aprimorar o jogo.

Para Elias (1992) uma partida de futebol apresenta-se claramente como uma forma configuracional de interdependência entre duas equipes. Essa configuração é composta pelos integrantes das duas equipes, os membros da arbitragem e os espectadores presentes. Todos, de um modo ou outro, têm a possibilidade de interferência no resultado final da partida.

No interior destas inter-relações o árbitro tem suas ações coordenadas pela regras do jogo. Cabe a ele aplicá-las da melhor maneira possível. Mas nem sempre foi assim. As regras foram sendo constantemente aprimoradas e modificações como o são até hoje. Alguns toques com as mãos eram permitidos, não havia nenhum tipo de mediador ou árbitro, as jogadas violentas ainda incomodavam muitos dos entusiastas deste esporte.

Figuras de grande importância no futebol, que podem muitas vezes decidir um jogo, os árbitros, ou mais conhecidos como juízes, não estavam presentes nas primeiras regras do futebol. Muito menos as atribuições que atualmente cabem a eles eram as mesmas no começo de tudo.

Ao longo dos anos muitas modificações ocorreram e podemos afirmar que os árbitros não ficaram de fora desse processo. De meros coadjuvantes que acompanhavam o jogo de fora do campo, passaram a assumir maiores poderes e participar ativamente do andamento da partida.

Como vimos as primeiras regras surgiram em 1863, porém, a figura do árbitro de futebol só viria a surgir cinco anos mais tarde, em 1868, sob a denominação de *umpire*. Este novo integrante possuía funções muito diversas das que conhecemos no futebol atual. Só intervia no andamento da partida quando solicitado por algum representante das equipes disputantes, além de ficar do lado de fora do campo. Neste momento, a necessidade de intervenção externa não era necessária, os próprios atletas julgavam suas infrações.

Somente em 1881 viria a constar a denominação *referee*, esta mudança atribuiu maiores poder de decisão aos árbitros. O mais conhecido equipamento dos ‘homens de preto’, denominação muito utilizada para se referir aos árbitros em função do seu uniforme tradicional, o apito foi utilizado pela primeira vez em 1878.

Como o desenvolvimento do futebol é possível observar o crescente aumento do significado e da importância do resultado. Dunning destaca algumas polaridades presentes no esporte moderno e que podem influenciar diretamente na dinâmica do jogo:

- 1 – A polaridade global entre duas equipes opostas;
- 2 – A polaridade entre ataque e defesa;
- 3 – A polaridade entre cooperação e tensão das duas equipes;
- 4 – A polaridade entre cooperação de competição dentro de cada equipe;
- 5 – A polaridade entre o controle externo dos jogadores a vários níveis (por dirigentes, capitães, camaradas de equipe, árbitros, juízes de linha, espectadores, etc.) e o controle que os jogadores exercem sobre si mesmos;
- 6 – A polaridade entre a identificação afetuosa e a rivalidade hostil para com os oponentes;
- 7 – A polaridade entre o prazer da agressão pelos jogadores individuais e a limitação imposta pelo padrão de jogo sobre esse prazer;
- 8 – A polaridade entre flexibilidade e fixidez das regras (DUNNING, *In*: ELIAS, 1992, p. 303).

O desequilíbrio dessas de alguma dessas polaridades, influenciado pelo grau de seriedade que o esporte tem assumido, pode aumentar as tensões e direcionar a ações socialmente não aceitas, como jogadas violentas, agressões e outras atitudes. Ou também pode tornar o jogo monótono e desinteressante quando, por exemplo, uma equipe é muito superior ao adversário.

Assim, podemos perceber um aumento das funções e responsabilidades atribuídas ao árbitro e seus dois assistentes. A observação às mudanças realizadas nas regras do futebol pode ser um sintoma dos efeitos que o modelo social têm atribuído ao esporte.

As sociedades altamente complexas e industrializadas traçam à vida do seres humanos um elevado número de atividades rotineiras, nas qual a previsibilidade e a ausência de emoções são característicos. Conforme coloca Dunning (2003, p. 28), as atividades esportivas e de lazer acabam suprimindo uma “fome de lazer” dos grupos sociais.

O mimetismo possível em uma partida de futebol entre a vitória (vida) e derrota (morte) acaba gerando uma forma, por assim dizer, descontrolada de emoções que, porém, não fogem aos controles e condutas socialmente aceitas na vida em sociedade, ou seja, as regras, sejam elas esportivas ou sociais.

Deste modo, o estudo das regras e das condutas socialmente aceitas podem se tornar um importante meio de compreensão não só dos determinantes esportivos, mas, também, das acepções sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do esporte moderno e seus desdobramentos enquanto um fenômeno social ímpar é um importante e fascinante objeto para compreensão de inúmeros determinantes sociais presentes na sociedade contemporânea. A interação entre a história dos esportes com elementos das ciências humanas e sociais nos oferta um rico horizonte de possibilidades que podem (e devem) ser exploradas por pesquisadores das mais diversas áreas.

Concordamos com Elias ao afirmar que, “o estudo estático das regras ou normas, como algo definitivamente adquirido, conduziu com freqüência, no passado, e continua a conduzir hoje, a um quadro equívoco e, de algum modo, irrealista da sociedade” (ELIAS, 1992, p. 227), entendendo que é fundamental compreender os determinantes sociais que governam as condutas humanas e suas relações e que as regras e o desenvolvimento do esporte não são meros frutos do acaso devendo ser considerado o contexto no qual está inserido.

A partir do que foi colocado acima novas questões surgem, principalmente, quando colocamos os acontecimentos históricos em contraposição ao quadro do esporte na atualidade. Questões a respeito das expressões violentas que surgem no futebol contemporâneo podem (ou devem) entendidas sobre a elaboração comparativa com estas sociedades? Como ocorrem os processos de controle das variadas formas de violência no desporto atual? É possível pensar a violência esportiva contemporânea em função dos processos descivilizadores nos termos colocados por Stephen Mennel (2001)?

Essas são elaborações que demandam maiores aprofundamentos e estudos empíricos dos quais não devemos nos esquivar. Como afirmou Elias o processo civilizador continua em andamento e, talvez, algumas desses levantamentos só serão compreendidos pelas próximas gerações.

REFERENCIAS:

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? *In: Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

COELHO, Arnaldo César. **A regra é clara**. São Paulo: Globo, 2002.

CURRY, Graham e DUNNING, Eric. Escolas públicas, rivalidade social e o desenvolvimento do futebol. *In: Ensaio sobre história e sociologia nos esportes*. GEBARA, Ademir e PILATTI, Luiz A. (orgs.). Jundiaí, Fontoura, 2006.

DUNNING, Eric. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários crítico e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer. *In: História: questões & debates*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003.

ELIAS, Norbert. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

_____. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

MENNEL, Stephen. O reverso da moeda: os processos de descivilização. *In: GARRIGOU, A. e LACROIX, B. Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2001.